

TOUR EIFFEL





Editorial

A revista *Cerrados* que o leitor tem agora em mãos está, a partir deste número, a cargo de um novo editor, o Prof. André Luís Gomes, que contará com um novo conselho executivo e editorial e tentará não só manter a boa acolhida que este periódico vem tendo por parte dos interessados em Estudos Literários no Brasil e no exterior, mas também alcançar os padrões de excelência exigidos neste tipo de publicação.

Os textos selecionados para este número da *Cerrados* enfocam as principais características dos Estudos da Tradução, cujo caráter interdisciplinar se refletiu no I Encontro de Tradutores de Obras Francesas no Brasil, realizado em 30 e 31 de agosto de 2006, como atividade conjunta da Universidade de Brasília, por meio do Programa de Pós-Graduação em Literatura, do Departamento de Língua Estrangeira e Tradução, do Departamento de Teoria e Estudos Literários e da Embaixada da França.

No prisma de olhares que compõem o campo da tradução, a literatura e os estudos da linguagem ocupam lugar de destaque. Tanto é que a grande maioria dos participantes do Encontro refletiu sobre a tradução de obras literárias, ensaísticas, ou ainda sobre dicionários. Essas reflexões assumiram formas distintas: muitas de cunho acadêmico, outras como depoimentos.

Como foi assinalado no documento de divulgação do evento, o objetivo era o de “contribuir para a reflexão sobre a tradução de obras francesas no Brasil, aproximar os profissionais da área, permitindo a troca de experiências e o desenvolvimento de uma rede de especialistas”. Assim, os textos deste número refletem essas posturas e pretendem ser uma contribuição para que se compreenda de forma mais ampla o universo da tradução. Desse modo, os textos foram organizados em duas seções: artigos e depoimentos.

Os artigos, por sua vez, foram agrupados em três grandes conjuntos. Em cada um deles, os textos estão dispostos em ordem alfabética, respeitando o padrão adotado pela revista. Em nossa apresentação, contudo, os textos são apresentados de acordo com sua

temática. O primeiro reúne aqueles que procuram traçar panoramas sobre a recepção de obras literárias francesas no Brasil. O segundo trata especificamente da tradução literária e de suas diversas manifestações – romance, teatro, poesia, teorias literárias. Já o terceiro abarca a tradução de obras ensaísticas de autores como Derrida, Ricoeur, Serres e Morin, que, de alguma maneira, alimentam reflexões teóricas acerca da tradução e do literário.

Os artigos que tratam da recepção de obras francesas no Brasil cobrem um vasto período, que vai do século XIX até os dias de hoje. Convidado de honra, Mário Laranjeira reflete, em seu texto, sobre a recepção da poesia francesa no Brasil, concentrando-se na poesia contemporânea. Para tal, procura mostrar como alguns grupos culturais mais consolidados em suas experiências exercem influência sobre outros que ainda buscam a afirmação de sua identidade cultural e literária. Após traçar um breve histórico da influência literária francesa no Brasil no século XIX e no início do século XX, Laranjeira destaca certos traços do fenômeno poético francês das últimas décadas: o fato de a poesia produzida depois de 1945 acontecer, em grande parte, na província; a enorme variedade temática e formal; a predominância de posições independentes; a ausência de uma poesia explicitamente engajada; o reencontro da poesia como *ascese* e não como instrumento de busca de uma verdade; a revivificação de tradições populares; o minimalismo, a condensação e a poética do fragmento. Em seguida, debruça-se sobre a questão

da recepção da poesia francesa atual no Brasil e assinala o fato de o público não ler mais francês como evidência da necessidade de se traduzir obras francesas – notadamente poemas. Nesse contexto, a inevitável pergunta que surge é sobre o grau de traduzibilidade da poesia. Laranjeira observa que a tradução é a reescrita de uma leitura em que estão implicados o autor, o tradutor e o leitor. Ao ler o texto traduzido, portanto, este estará lendo o primeiro sujeito (autor do original), o segundo sujeito (tradutor enquanto leitor-reescritor) e a si mesmo. Daí Laranjeira deduz que o tradutor de poesia deve buscar não criar um texto idêntico – o que seria impossível –, mas gerar um texto que seja capaz de provocar, no leitor final, “uma leitura em que se possam reconhecer *também* as marcas que o primeiro sujeito imprimiu em seu texto, e não *apenas* as marcas advindas da operação tradutória ou recreativa”.

Um segundo estudo importante é o de Marie-Helène Torres, que faz um levantamento das traduções literárias francesas realizadas no Brasil de 1970 a 2006. Seu principal objetivo é desenhar o perfil da tradução literária de obras francesas durante esse período, além de analisar os modelos e estratégias que orientam e orientaram essas traduções. Seu intuito é, pois, estudar as relações de diferença, de identidade e possíveis relações interculturais existentes no sistema brasileiro. Torres utiliza, sobretudo, os conceitos propostos por Anthony Pym, em *Method of History Translation*, a partir dos quais procura descrever a posição da literatura de língua francesa traduzida

no sistema cultural e literário brasileiro. A autora ainda chama a atenção para a necessidade de se dar visibilidade ao tradutor, razão pela qual ajudou a criar o *Dicionário de tradutores no Brasil*.

Quem também desenha um panorama da tradução literária é Marta Pragma Dantas, em seu levantamento intitulado “Tradução e globalização editorial: o fluxo de traduções da literatura francesa no Brasil entre 1984 e 2002”. A partir do princípio da economia de bens simbólicos, descritos por Pierre Bourdieu, e da noção de campo literário internacional, proposta por Pascale Casanova, a autora analisa o fluxo das traduções da literatura francesa no Brasil, concentrando-se, notadamente, na maneira como as transformações político-econômicas ocorridas no Brasil, entre 1984 e 2002, interferiram no fluxo da importação da literatura francesa.

Teresa Dias Carneiro, em seu texto “A tradução de obras francesas no Brasil na primeira metade do século XX”, desenha – de maneira breve, mas clara – um vasto panorama histórico que, de fato, retoma as condições para o desenvolvimento da tradução no Brasil, desde o início do século XIX. A partir de Lia Wyler, a autora revê as condições que permitiram o desenvolvimento da publicação no Brasil, como a criação de tipografias e, posteriormente, os projetos de publicação de obras traduzidas, como os da Editora Globo, na década de 1940.

Esses quatro primeiros artigos cobrem a recepção da literatura de obras francesas no Brasil em um período de mais de um século, permitindo

ao leitor avaliar o alcance dessa produção e compreender a profícua relação existente entre os diferentes construtos teóricos da história da tradução e da literatura comparada.

Soma-se a eles o artigo “Dicionários para a tradução francês-português-francês”, de Cláudia Maria Xatara. Em seu texto, a autora, primeiramente, define o que é um dicionário e aponta possíveis limites existentes nesse imprescindível instrumento para o tradutor, desmistificando seu alcance; também aponta para possíveis parâmetros na escolha de um dicionário. As considerações mais relevantes vêm em seguida, com a caracterização dos dicionários hoje existentes no Brasil e a necessidade de se elaborar um instrumento de consulta mais completo, identificando uma enorme lacuna na publicação de obras referentes à língua francesa no Brasil.

O segundo grupo de textos cobre diferentes gêneros literários – poema, teatro, prosa.

Sem comentar nenhum caso concreto de tradução, Ana Alencar, em seu artigo “Traduzindo romance com a bela infiel”, trata, de fato, de algumas grandes questões em jogo na tradução de poemas. Utilizando-se, primeiramente, de *Variations sur les Bucoliques*, de Paul Valéry, Alencar assinala que o ato escrever é um trabalho de tradução comparável ao daquele que opera a transmutação de uma língua para outra. A idéia de Michel Serres – de que a tradução é um modo de conhecimento, nos textos, das coisas por meio dos sistemas de transformação dos conjuntos em que elas estão compreendidas – corrobora sua assertiva.

Nesse processo de reescrita, há mediações pontuadas por paradoxos, como o fato de a atividade tradutória ser “uma escrita que busca se fazer esquecer enquanto escrita” e, ao mesmo tempo, exige do tradutor que ele se posicione. Segundo Alencar, que retoma aqui Derrida: “Não se pode pensar em termos de origem e chegada de um único texto (a ser preservado na sua verdade original), mas como equilíbrio entre duas possibilidades, nascidas de um vai-e-vem entre o texto A (a leitura de uma escrita) e o texto B (a escrita de uma leitura)”. Algumas dessas possibilidades são ilustradas nos textos de Meirelles, Saadi e Benedetti.

A tradução de poesia é contemplada por Ricardo Meirelles, que traz à luz traduções de Charles Baudelaire feitas por Eduardo Guimaraens. Parte do artigo é dedicada à apresentação do poeta simbolista brasileiro. Nesse sentido, Meirelles retoma o princípio anunciado por Antoine Berman, segundo o qual faz parte de uma ética da tradução “saber quem é o tradutor e, sobretudo, determinar sua posição tradutória, seu projeto de tradução e seu horizonte tradutivo”. Meirelles concentra-se nas traduções dos poemas “Albatroz” e “Elévation”, pontuando-as com trechos de outras traduções.

Quem escreve sobre tradução de teatro é Fátima Saadi, importante tradutora cujo trabalho está, na maioria das vezes, subordinado a sua função de dramaturgista na companhia carioca Teatro do Pequeno Gesto. Ela inicia sua reflexão com uma síntese dos problemas envolvidos na criação do espetáculo teatral e contextualiza sua prática tradutória, em que os projetos de tradução

e de encenação imbricam-se. Saadi conclui com algumas considerações sobre a especificidade da tradução para o teatro, como o tom oral do texto e as variações de registro envolvidas, ou ainda sobre o aspecto efêmero de uma tradução marcada pelas gírias e expressões de uma determinada época.

A tradução de prosa é tratada em “De Voltaire a Balzac, passando por Berman”, de Ivone Benedetti, uma reflexão sobre as traduções do *Dicionário filosófico* (Voltaire) e de *Ilusões perdidas* (Balzac). A autora comenta, primeiramente, a noção de estilo em Voltaire, que deve ser pensada a partir da noção de elegância apregoada por ele. Essa noção de estilo leva Benedetti a retomar, em outros termos, a tensão anunciada no depoimento de Marcelo Jacques Moraes entre a aproximação e o distanciamento do tradutor em relação às línguas em contato. Por meio de uma análise das posturas de Antoine Berman e de Laurence Venuti, Benedetti destaca a “tradicional tensão entre tradução *estrangeirizante* e tradução *domesticadora*” e atenta para o fato de que “a aceitação cabal das teses bermanianas acerca do respeito à *letra* [...] se revela ineficaz na prática”. Feita a constatação, a autora passa a optar, sem ingenuidade, por um estilo que considera hoje elegante no português do Brasil. Sua enumeração de elementos sintáticos e semânticos é uma interessante síntese para uma futura estilística contrastiva francês-português. Com perspicácia expõe seu projeto, em certa medida antropofágico, de chegar a “um equilíbrio que não descaracterizasse o fluxo rítmico peculiar do autor (que considera um pecado capital), mas criasse um

ritmo mais deglutível pelo leitor-alvo” e pelos agentes que controlam o mercado...

O terceiro grupo de textos é, essencialmente, voltado para Derrida, autor central para uma importante escola do pensamento cujo grande expoente, no Brasil, era Paulo Ottoni, colega recentemente falecido, a quem prestamos homenagem (ver “Paulo Ottoni: tradução e acontecimento”, de Elida Ferreira) neste número. Ottoni, em seu texto “A escritura de Jacques Derrida em português: as traduções do in-traduzível”, analisa os diferentes modos como o termo *différance* cunhado por Derrida é traduzido no Brasil. As diversas alternativas propostas, notas e comentários dos tradutores, segundo Ottoni, por um lado, revelam a importância e a necessidade de se traduzir o in-traduzível e, por outro, explicitam o envolvimento e o compromisso da tradução da escrita derridiana com o pensamento da desconstrução. Nesse impasse, as múltiplas formas do traduzir permitem a disseminação das alternativas e geram “efeitos de tradução no jogo da desconstrução”. Efeitos esses, lembra Ottoni, contaminados pela dinâmica desconstrutiva do texto derridiano.

Elida Ferreira dedica seu texto “Quais as chances de traduzir Derrida e seu idioma?” à questão dos idiomatismos na tradução de *Mes chances*, do pensador francês. Ferreira destaca que, na perspectiva derridiana, a tradução é concebida como um processo que acarreta a transformação das línguas nela envolvida. Isto é, há interferências do sujeito na língua e o que há de mais “próprio” da intervenção do sujeito é chamado

de assinatura e de idioma. O idioma derridiano explora especificidades fônico-semânticas do francês. Diante disso, a autora reflete sobre o que está implicado na seguinte pergunta: como traduzir esse jogo proposto em *Mes chances*, uma vez que tanto o traduzir quanto o idioma não se entregam a uma traduzibilidade plena?

Olivia A. Niemeyer Santos, em “Traduzir *La vérité en peinture*”, também dedicado a Derrida, discute o modo como esse autor utiliza o conceito de *parergon* e de imunidade. Retomando Kant, Santos afirma que, no que diz respeito à tendência da história da arte de querer enquadrar o que é arte e o que não é, a moldura seria um *parergon*, algo fora do *ergon*, fora da obra. E, justamente, a tradução pode ser mais bem compreendida quando examinada nos seus limites, na borda ou na moldura. O que acontece quando se chega “no limite”, quando o tradutor depara com algo intraduzível? Para responder a essa pergunta, assinala Santos, Derrida usa uma metáfora da biologia: o sistema imunológico do corpo evita que algo de “fora”, estranho ou estrangeiro, entre “dentro” dos limites do corpo e o destrua. Mas há também um sistema auto-imunológico que permite a invasão – o que nem sempre é ameaça, pois possibilita, por exemplo, a aceitação de um enxerto, de um órgão retirado de outra pessoa, de algo de “fora” para salvar o paciente. Essa discussão permite à autora refletir também sobre a contribuição da desconstrução para os estudos da tradução e sobre as tensões que envolvem a tradução dos escritos derridianos.

Os tradutores de Michel Serres e de Edgar Morin – Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco – pensam a tradução por meio de teorias antropológicas e sociais dos próprios autores que traduzem. A partir do conceito de complexidade de Edgar Morin, desenham uma paisagem cognitivo-psíquica para o ato tradutório regida por três princípios operadores: o dialógico (sentimento de religação), o recursivo (o caráter não-linear das relações causa-efeito-causa) e o hologramático (a idéia de totalidade aberta). Nesse contexto, traduções são recriações, renovação da sintaxe da língua-destino, ainda que se procure um nível estável de inteligibilidade capaz de manter o leitor ligado ao caráter original da obra. Quanto a Michel Serres, Carvalho e Bosco notam que algumas idéias-chave do autor foram de fundamental importância para a seqüência das traduções empreendidas, como a noção de inacabamento, pois “palavras encerram uma pluralidade de significados e [...] a significação nunca é unívoca”. A complexidade é aberta, inacabada, cósmica, polifônica, assim como a tradução.

Outro texto dedicado à tradução de teorias é o de Adna Candido de Paula, em que se faz, primeiramente, uma síntese dos três textos do filósofo Paul Ricœur, reunidos sob o título *Sur la traduction*. Neles, Paul Ricœur se debruça sobre a questão da tradução por entender que esta possui implicações éticas. A primeira delas por conta do desejo, da pulsão de tradução que permite um certo conhecimento de outros mundos habitáveis. Segundo De Paula, Ricœur apostaria na tradução

como forma de impulsão ao movimento, ao crescimento humano. Assim, traduzir possibilitaria aos indivíduos o conhecimento da estrangeiridade de sua própria língua, o que, em parte, os impediria de fecharem-se em um diálogo estéril. De Paula reflete também sobre o “trabalho” de traduzir as obras do próprio Paul Ricœur, cuja construção textual exige o conhecimento das diferentes tradições de traduções de cada um dos parceiros implícitos nessa rede dialógica. É necessária a pesquisa que permita ao tradutor vencer a semântica rigorosa dos textos filosóficos.

O volume conta também com a importante contribuição daqueles que se debruçam diariamente sobre os textos-fonte e que diariamente reescrevem essas fontes e as espraiam; aqui, esses importantes artífices da palavra aceitam o desafio de refletir sobre sua própria prática, ampliando o espectro de olhares sobre o ato tradutório – assim são os depoimentos de Anderson Braga Horta, Dorothee de Bruchard, Marcelo Jacques de Moraes e Paulo Neves. A exceção é o depoimento de Estela dos Santos Abreu, que comenta o *Catálogo de livros brasileiros traduzidos na França*, organizado por ela em 1988 e, desde então, sistematicamente atualizado.

O encerramento do volume é uma síntese do I Encontro de Tradutores de Obras Francesas no Brasil, feita pelo diplomata francês Emmanuel Jaffelin, grande idealizador desse histórico evento. Em seu depoimento, lembra a participação de vários palestrantes que abrilhantaram o evento, mas infelizmente não puderam contribuir com essa

publicação, notadamente Bárbara Cassin, Milton Hatoun, Bruno Palma, Jerusa Pires Ferreira, Guilherme Teixeira, Juremir Machado, Maria Lúcia Jacob Dias, Rita Jover-Faleiros, Regina Ferreira, Wilton Barroso, Cláudia Balduino, Márcia V. Aguiar e Alain Mouzat. Destacamos ainda a imprescindível colaboração de Rogério Lima e Adalberto Muller, colegas da Universidade de Brasília, para a realização do evento.

Enfim, nesta coletânea se reúne, talvez pela primeira vez, um conjunto de textos voltados essencialmente para a tradução de obras francesas no Brasil e o que se nota, primeiramente, é o vigor dessa reflexão pela quantidade de temas abordados e pela sua amplitude. Nota-se, também, que a reflexão sobre o ato tradutório é frequentemente mediada pela experiência, atividade empírica de quem olha para o outro. E, nesse corpo-a-corpo, há quem devore o texto, quem o transforme, quem o conforme, em atitudes que alargam as possibilidades da língua de chegada e, dialeticamente, aclimatam o estrangeiro num constante, labiríntico e sedutor jogo de co-formações.

Álvaro Faleiros
André Luís Gomes